

Evidências do Aumento de Escolaridade Média da Força de Trabalho

Alguns aspectos relevantes sobre a evolução do mercado de trabalho do país, no período de 2003 a 2010, foram apresentados em boxe constante do Relatório de Inflação de setembro de 2011. Foi mencionado, por exemplo, que nesse período houve aumentos na ocupação e nos rendimentos reais, e expressiva redução da taxa de desemprego e do trabalho juvenil, bem como aumento da formalização, do nível de escolaridade dos trabalhadores e da carga horária¹.

Dada a relevância do tema para a política monetária, este boxe, objetiva aprofundar a análise feita no boxe anterior².

O Gráfico 1 apresenta a evolução da Taxa de Atividade³, com destaque para a redução acentuada no caso da parcela mais jovem da população, ainda em idade escolar, nas faixas de 10/15 anos (potencialmente cursando o ensino fundamental) e de 16/18 anos (potencialmente cursando o ensino médio). Esses dados sugerem aumento tanto na escolaridade média quanto na idade média dos indivíduos ao ingressarem no mercado de trabalho.

A fim de explorar esses pontos, considerou-se o subgrupo de pessoas desocupadas que buscam o primeiro emprego.

Nesse sentido, de acordo com o Gráfico 2, entre 2003 e 2011 a idade média das pessoas em

Gráfico 1 – Taxa de atividade

Por faixa etária (anos)

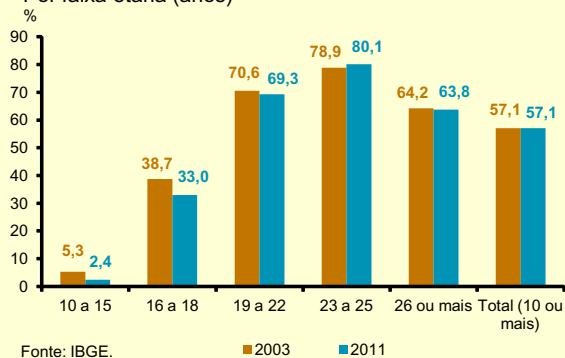
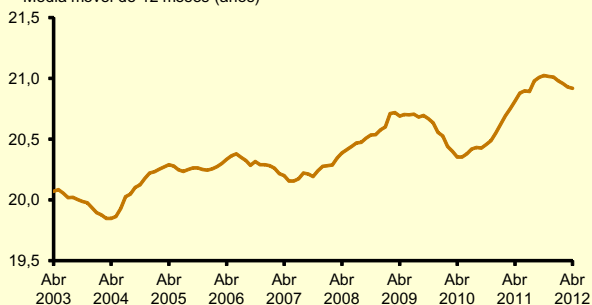


Gráfico 2 – Idade média

Desocupados em busca do 1º emprego

Média móvel de 12 meses (anos)



1/ O boxe Evolução Recente do Mercado de Trabalho no Brasil: Aspectos Quantitativos e Qualitativos encontra-se na página 17 do Relatório de Inflação de setembro de 2011.

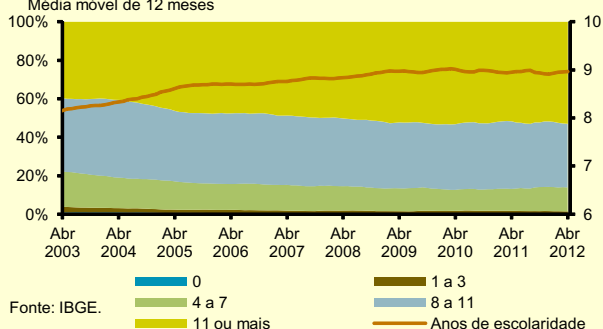
2/ A análise se baseia nos microdados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de abril de 2003 a abril de 2011.

3/ Taxa de atividade é a relação entre a População Economicamente Ativa (PEA) e a População em Idade Ativa (PIA) e representa, portanto, o percentual das pessoas que busca emprego e/ou está empregado.

busca do primeiro emprego passou de 19,9 anos para 21 anos, corroborando a hipótese de que as pessoas estão, em média, entrando com idade mais avançada no mercado de trabalho.

Gráfico 3 – Escolaridade e busca do 1º emprego

Tamanho relativo do grupo, por grau de instrução (área - eixo esquerdo)
Média de anos de escolaridade (linha - eixo direito)
Média móvel de 12 meses

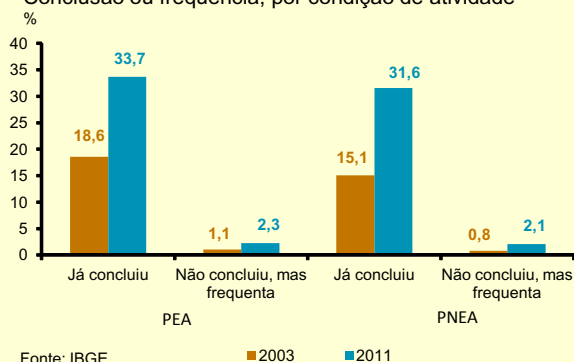


Por sua vez, o Gráfico 3 identifica a evolução da escolaridade do mesmo subgrupo⁴. Vale ressaltar que a parcela das pessoas que busca o primeiro emprego com 11 ou mais anos de estudo aumentou de 39,7%, em 2003, para 51,7% em 2008 percentual que se repetiu em 2011, com o número médio de anos de estudo se deslocando de 8,3 em 2003 para 8,9 em 2008, e se estabilizando nesse patamar.

Ressalte-se que a estabilidade registrada no número médio de anos de estudo dos indivíduos em busca do primeiro emprego (Gráfico 3) não sugere, necessariamente, interrupção do aumento da escolaridade média da força de trabalho, pois no cálculo da média considerou-se o limite inferior do intervalo⁵, portanto, eventuais alterações na distribuição dentro do intervalo foram desconsideradas.

Gráfico 4 – Realização de curso de qualificação

Conclusão ou frequência, por condição de atividade



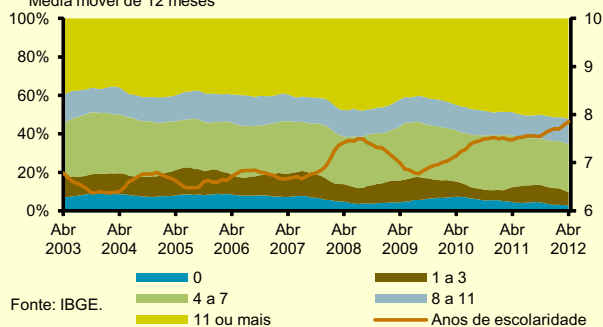
Existe, ainda, a possibilidade de o indivíduo estudar após o ingresso no mercado de trabalho. Entre as pessoas com 26 ou mais anos de idade que participavam da População Economicamente Ativa (PEA) em 2011, por exemplo, 4,6% frequentava algum curso formal. Em outra vertente, existe a possibilidade de participação em cursos de qualificação profissional que, embora não se reflitam sobre os anos de escolaridade (instrução formal) do indivíduo, contribuem para sua capacitação e aumento produtividade. A propósito, o Gráfico 4 mostra que, em 2011, 33,7% da PEA respondeu já ter concluído algum curso de qualificação profissional, ante 18,6% em 2003. E no caso da População Não Economicamente Ativa (PNEA), 31,6% e 15,1%, respectivamente.

4/ As áreas coloridas mostram a segmentação desse subgrupo por anos de escolaridade e a linha constitui a média de anos médios de estudo. A medida de escolaridade utilizada tem cinco categorias de escolaridade: (i) sem instrução ou menos de 1 ano de estudo; (ii) de 1 a 3 anos de estudo; (iii) de 4 a 7 anos de estudo; (iv) de 8 a 10 anos de estudo; e (v) 11 ou mais anos de estudo. Para a construção da série de anos médios de estudo, atribuiu-se a cada categoria o valor inferior do seu intervalo, isto é, 0, 1, 4, 8, 11, respectivamente. Ressalte-se que mudanças composicionais dentro de faixa não são captadas, e que isso pode se refletir na medida de anos médios de estudo. Por exemplo, aumento das pessoas com alguma instrução superior, em detrimento das pessoas com apenas o ensino médio completo, não afeta o tamanho da categoria “11 anos ou mais de estudo” e, portanto, não afeta a série de anos de escolaridade.

5/ Ver nota de rodapé anterior.

Gráfico 5 – Escolaridade e aposentadoria

Tamanho relativo do grupo, por grau de instrução (área - eixo esquerdo)
Média de anos de escolaridade (linha - eixo direito)
Média móvel de 12 meses



Adicionalmente, em termos de migração de indivíduos da PEA para a PNEA⁶, o Gráfico 5 mostra que a escolaridade média da população que passa para a inatividade avançou de 6,4 em 2003 para 7,7 em 2011, o que também suporta a hipótese de aumento da escolaridade da PEA.

Em resumo, este box apresenta evidências de aumento, entre 2003 e 2011, do período de frequência à escola por indivíduos com idade até 18 anos. Além disso, as estatísticas apontam crescimento do nível de escolaridade das pessoas que estão se aposentando. Essas e outras evidências sugerem, por fim, melhora na qualificação da mão de obra, bem como na produtividade média do trabalhador ao longo dos últimos anos.

6/ Esse fenômeno ocorre quando os indivíduos que migram da PEA para a PNEA detém nível de instrução menor que a média da força de trabalho.